

O GRANDE ESTADISTA DO PERÍODO REPUBLICANO

Pedro Rocha Jucá

(Na sessão solene da Assembléia Legislativa de Mato Grosso em homenagem ao ex-governador Júlio Müller, nas comemorações do seu centenário)

Ao escrever, em 1748, a sua consagrada obra política "*Espírito das Leis*", inspirando a separação tripartida de poder em Executivo, Legislativo e Judiciário, o Barão de Montesquieu raciocinava apenas como um dos precursores da Revolução Francesa. Com os seus ideais democráticos, ele prestou um grande serviço à humanidade. O Estado deixou de ser uma propriedade do soberano ou do governante de plantão e até Maquiavel perdeu terreno, embora ainda tenha alguns seguidores.

Depois da democracia grega e da república romana, o direito de cidadania se evoluiu a partir do pensamento político do Barão de Montesquieu, que influenciou, em seguida, o Congresso Geral dos Estados Unidos, em 1878, e a Assembléia Constituinte Francesa, em 1789, com a consagração desses poderes, todos interdependentes e harmônicos. Eles são os sustentáculos do Estado contemporâneo, fundamentado no princípio triangular da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, e garantem a democracia participativa do Século XX, que promove o "governo do povo, pelo povo e para o povo".

Transportando esses subsídios para a História de Mato Grosso, tudo nos autoriza a identificar nela três grandes estadistas. No período colonial, o capitão-general Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres consolidou as fronteiras do Brasil com o Paraguai e com a Bolívia, além de fundar as cidades de Cáceres e Poconé, em Mato Grosso, e Corumbá e Ladário, em Mato Grosso do Sul, para defesa da área de influência de Lisboa. O Barão de Melgaço, na monarquia, estudou, ocupou e defendeu os limites territoriais de Mato Grosso, com sacrifícios enormes, mesmo depois de estar aposentado, com idade avançada.

O ex-governador Júlio Strubing Müller é o grande estadista de Mato

Grosso no período republicano. Ao analisá-lo, não podemos questionar aspectos comuns de administração em si, como se fez mais ou se fez menos. Não se trata de quantidade e sim de qualidade, na dimensão do seu tempo e de acordo com os recursos humanos, materiais e financeiros então disponíveis. O governante, o homem público, o cidadão Júlio Müller, que os mato-grossenses estão homenageando ao ensejo das comemorações do seu centenário, é também um estadista reverenciado pela nossa história regional.

No seu tempo e no seu espaço, o ex-governador Júlio Müller relacionou as necessidades mais prementes, a começar pela estruturação do próprio Estado, que continuava vivendo uma época histórica que havia ficado no passado. O Sul de Mato Grosso de então estava se beneficiando, também, do progresso industrial de São Paulo, seu vizinho geográfico, sua base econômica e seu berço social. O perfil sócio-econômico do mato-grossense mais voltado para a agricultura estava ficando restrito ao cento do Estado. Mais ao Norte ainda era um grande vazio demográfico e a região Sul se modificava, entre o crescimento de São Paulo e as distâncias para Cuiabá, que além de não contar com os necessários meios ainda se sacrificava para beneficiar, na medida do possível, um interior também carente e em transformação.

O primeiro passo era fixar e consolidar a Capital do Estado, uma vez que os novos mato-grossenses do Sul, desconhecendo a tradição e a cultura de Cuiabá, buscavam uma forma de identificação política e social tendo Campo Grande como novo símbolo. Os novos tempos beneficiavam os mato-grossenses do Sul. O estadista Júlio Müller conseguiu alterar os rumos da história, fazendo os ventos do destino soprarem a favor de Cuiabá e do Estado de Mato Grosso tradicional. Com a Capital fixada onde sempre esteve e sempre estará, o governo agiu rapidamente para marcar presença no Sul, fazendo as lideranças políticas daquela região reconhecerem a existência de uma realidade irrefutável.

Graças às bases montadas pelo ex-governador Júlio Müller, o Estado de Mato Grosso passou a funcionar em sintonia com o Brasil republicano que se projetava no mundo todo, em busca de um desenvolvimento que exigia plena convivência internacional. Aproveitando os seus recursos naturais, Mato Grosso passou a crescer em todos os sentidos. O progresso se instalou em Cuiabá e ela é hoje a terceira Capital do país mais próxima de Brasília, a atual

sede do governo brasileiro.

O Sul foi desmembrado, formando agora o Estado de Mato Grosso do Sul, que ainda mantém as suas características mato-grossenses. O Estado de Mato Grosso, com fibra, superou todas as dificuldades iniciais e hoje é uma potência econômica emergente, reconhecida por todos. O problema atual não é atrair o desenvolvimento e sim garantir sua sustentação. Mato Grosso já não é lembrado apenas pelos seus índios ou pelas suas onças. Mato Grosso é respeitado pelas sua agro-indústria, pela pecuária, pelo comércio, pelas belezas naturais, e, principalmente, pelo seu futuro mais do que promissor.

A ninguém cabe o direito de ignorar a importância do governo Júlio Müller como precursor de tudo isto de bom que estamos observando nos nossos dias. Hoje há fartura de tudo, até mesmo de problemas e de exigências, mas tudo isto corresponde aos novos tempos de prosperidade. Não existe, é verdade, fartura de dinheiro para atender todas as reivindicações, pois Mato Grosso abriu todos os seus horizontes para acolher brasileiros de todos os quadrantes do país. Mas, há uma fartura de gaúchos, catarinense, paranaenses, paulistas, goianos, mineiros, baianos, cearenses como eu, e muitos outros compatriotas, que aqui chegaram com os mesmos ideais do ex-governador Júlio Müller. Eles nunca se consideraram “paus-rodados”, e sim “paus-para-toda-obra” na jornada histórica de se construir neste cerrado, neste pantanal, nesta selva amazônica, lado-a-lado com os hospitaleiros mato-grossenses, a tão sonhada Terra da Promissão.